

O SILÊNCIO E A SOLIDÃO DA PINTURA DE LEONOR BOTTERI

De 30 de novembro a 03 de abril

Na Curitiba dos anos quarenta, a entrada da mulher na arte era um desafio. Idêntico era desenvolver uma linguagem própria, sobretudo em um ambiente ainda preso aos moldes acadêmicos. Leonor Botteri (1916-1998) venceu esses desafios. Sob a orientação do mestre Guido Viaro, a artista teceu seu próprio caminho. Desenvolveu o desenho e aprofundou-se na pintura, “nunca acadêmica”.

Introspectiva e meditativa, “Botteri foi aos recônditos da solidão para construir uma pintura situada entre o expressionismo e a pintura metafísica”, analisa a curadora Maria José Justino. A ambientação de suas obras, frequentemente, exhibe tons sóbrios e escuros. Assim como expressa predileção pela produção de retratos, autorretratos e naturezas-mortas. Temáticas que são enfatizadas nesta exposição, que encerra a *Série Artistas Paranaenses* em 2010.

Com o patrocínio da COPEL, COMPAGAS, BRDE e o apoio do Ministério da Cultura, Governo do Paraná e da CAIXA, a mostra apresenta 70 obras que exibem a poética original de Leonor Botteri. Em uma seleção que revela ainda “a qualidade e a intensidade de uma obra quase toda inédita, singular, que enriquece a história da arte paranaense e brasileira”.

A obra

“Toda a sua pintura, em especial os autorretratos, cria um intervalo entre visível e invisível, e é nesse intervalo que nasce o sentido”, define a curadora sobre parte da obra da artista paranaense. Maria José diz que a pintura de Botteri é esse “ser que vacila, nunca concluída, entreaberta, instalada no limiar do acontecimento”. Em seu texto de apresentação, a curadora afirma ainda que a pintura de Botteri é “toda ela alheia ao mundo cotidiano”.

Maria José lembra que Viaro falava sobre a necessidade da pintora de fugir aos embates. “Sem dúvida, quem a conheceu lembra-se de como era tímida e reservada.” Para ela, em Botteri, vida e obra dialogam, “quase que se fundem”. Em seu ateliê se “exalava liberdade” e trocava energia com seus alunos, crescendo e fazendo crescer. “Com isto, Botteri desenvolveu o desenho e aprofundou-se na pintura”, tendo toda sua obra sido tecida da intimidade.

Por isso, a pintora teria se voltado aos autorretratos e às naturezas-mortas. “As naturezas são silenciosas, não há gritos, mas sussurros, sons articulados e inarticulados. O autorretrato é uma conversa com a intimidade, um gênero bastante apropriado a uma alma recatada, que não se sente à vontade na ação”. A curadora analisa ainda que os retratos de Botteri são sombrios. “É possível dizer que toda a sua pintura parece ser feita à luz de gás, luz noturna, escura; uma pintura sem vida diurna”. Para ela, a artista se permite um pouco de luz e cor, principalmente nos retratos de Elizabeth, “alguns roçando o impressionismo”.

Leonor Botteri

Patrocínio: COPEL, COMPAGAS, BRDE

Apoios: Ministério da Cultura, Governo do Paraná e CAIXA.

Visitação: de 30 de novembro a 03 de abril 2011

Museu Oscar Niemeyer

Rua Marechal Hermes, 999

Aberto de terça a domingo, das 10h às 18h

R\$ 4,00 inteira e R\$ 2,00 estudantes, com carteirinha

***Venda de ingressos até 17:30**

Gratuito para grupos agendados da rede pública, do ensino médio e fundamental, para estudantes até 12 anos, maiores de 60 anos e no primeiro domingo de cada mês.